

## Considerações finais

Rodrigo Pelloso Gelamo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GELAMO, RP. *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 178 p. ISBN 978-85-98605-95-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo presentes as ideias de Gilles Deleuze e Michel Foucault, pensamos que o ensino da Filosofia precisa ser perspectivado a partir de uma *filosofia menor* e de uma *ontologia do presente* nas quais o ensino da Filosofia passe a se constituir como uma experiência de pensamento: no *encontro*<sup>1</sup> de um filósofo-professor com os alunos numa sala de aula, tendo a preocupação de inventar a própria existência por meio de uma *estética da existência* que seja produzida nesse encontro criador entre o exercício profissional e o cuidado para consigo mesmo como invenção de um modo de vida. Não podemos, assim, pensar separadamente o filósofo e o professor, para depois pensarmos uma síntese dos dois.<sup>2</sup> Nesse contexto, as questões “de

---

1 Estamos utilizando o conceito espinosista de *encontro de corpos*. Segundo Deleuze (2002a), o conceito de encontro em Espinosa está diretamente relacionado ao conceito de *affecto*. Nesse sentido, quando os corpos se *encontram* produzem *affectos*. Desse modo, podemos definir um ser existente pelo modo como ele é afetado por outro, ou seja, pelos efeitos que os encontros produzem em um corpo. Os efeitos desse encontro podem ser de dois tipos: tristes ou alegres. Se forem alegres, potencializarão os corpos, se forem tristes, terão o efeito de despotencialização.

2 Pensamos que essas separações recolocariam o problema do dualismo que já criticamos em nossa dissertação de mestrado. Para isso, ver Gelamo (2003, p.21-

que forma fazer com que os problemas que emergem dos encontros-acontecimentos sejam problemas filosóficos?” e “quais são os problemas que podem ser considerados filosóficos e dignos de ser *pensados filosoficamente?*” precisam ser perspectivadas de modo a recuperar algo que é continuamente esquecido: uma atitude ante si mesmo e ante o presente em que estão inseridos.

É possível, então, compreender que pensar *aquilo que estamos fazendo de nós mesmos* não decorre de um sujeito cuja experiência esteja fragmentada e empobrecida, nem mesmo das soluções propostas a esse problema pelos modernos. Para que isso se concretize, precisamos pensar os *restos* esquecidos de nós mesmos, isto é, pensar aquilo que afeta *nossa* vida, mas a que continuamente não prestamos a devida atenção; pensar aquilo que está ligado à nossa *própria experiência* e que sequestra nosso pensamento. Pensar nossa existência como professor pode ter, então, algum sentido se for entendido como uma atitude de resistência, sobretudo em uma época em que nos perguntarmos *o que fazemos de nós mesmos* causa estranhamento. Nesse sentido, Foucault (1994i, v.2, p.1551) mostra-nos um caminho que precisamos potencializar: “por toda uma série de razões, a ideia de uma moral como obediência a um código de regras está, agora, em processo de desaparecimento, já desapareceu”. Nesse sentido, urge assumir uma atitude de resistência em face dos processos de sujeição do pensamento que nos tomam como reféns. Parece-nos que a atitude a se ter é a de resistir à ausência de pensamento sobre *si mesmo*. Desde esse lugar de ausência, podemos resistir ao empobrecimento da experiência que nos assola: podemos pensar *o que fazer*, podemos nos inventar ensaiando-nos em cada acontecimento da vida com um ato filosófico de vida.

Por meio do desenho dessa forma de resistência, aproximamo-nos de Michel Foucault ao perspectivar o pensar como uma *ontologia do presente*; o pensar precisa se dobrar sobre aquilo que nos pro-

---

-35), especialmente o capítulo “Uma leitura deleuzo-guattariana do conceito de sujeito”.

blematiza em nosso presente para que possamos cuidar de nós mesmos, e assim nos inventar como uma obra de arte. Torna-se, então, imprescindível pensarmos os problemas que emergem daquilo que foi expulso pelo conhecimento: a vida e a experiência silenciadas como restos, restos esquecidos de nós mesmos.

O problema enunciado desse modo modifica sensivelmente o lugar em que seus termos são colocados. Por isso, pode ser entendido desde uma perspectiva na qual o professor de Filosofia se pergunta sobre o que está fazendo de si mesmo, ou seja, estabelece um problema na relação de seu fazer filosófico com sua própria vida, compondo, assim, um problema de ordem ética. Não obstante, o modo de enfrentar, de resistir e até mesmo de ser afetado pelo ofício de professor traz o problema para o registro estético; há um registro especial em que o que está em questão é uma estética da vida, uma estética da existência que procura compreender a capacidade de sermos afetados, assombrados (*thaumazein*), pelo mundo e pelos problemas que ele nos impõe. Enfim, esse problema envolve uma dimensão ontológica de nós mesmos e de nosso presente porque procura compreender como estamos nos inventando nesse presente. Isso me fez compreender que o problema que me afeta não é apenas um problema temático, epistemológico ou metodológico, mas, pelo contrário, é a busca pelo entendimento daquilo que estamos fazendo de nós mesmos – o que estamos fazendo de nossas vidas, como estamos nos subjetivando –, sendo uma de suas dimensões (ou modos de existência) o ser professor de Filosofia. Assim, o problema que reunia as minhas angústias englobava muito mais do que apenas uma perspectiva temática, pedagógica ou metodológica do ensinar a Filosofia, invadia outras dimensões de minha existência, de meu modo de existência ética e estética.<sup>3</sup> Invadia minha própria vida.

---

3 Os modos de existência possuem uma dupla dimensão: de um lado, a estética, que cria um modo de vida, uma estética da vida que teria a produção da vida como uma obra de arte; de outro, uma dimensão ética, que se diferencia de uma dimensão moral. A moral seria um conjunto de regras coercitivas que promoveria a sujeição a valores transcendentais (o certo e o errado), enquanto a ética

---

promoveria a subjetivação, pois é constituída de um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos em razão do modo de existência na qual é criada (Deleuze, 1990). Assim, os modos de existência são uma maneira de, por um lado, resistir ao instituído e, por outro, inventar-se, produzir-se a si mesmo, conforme Foucault (2004).